

Teresa Filósofa e Fanny Hill, romances filosóficos?

Doutoranda Mariana Teixeira Marques¹ (USP)

Resumo:

No debate sobre o contato entre filosofia e literatura, o romance europeu do século XVIII aparece como fonte inesgotável de motes e assuntos. Gênero “livre” que se apropria do que lhe convém, o romance em seu período de formação foi terreno fértil para a circulação de novas idéias filosóficas, levando ao crescente público leitor várias das questões de fundo discutidas em ensaios e academias científicas. Ao mesmo tempo, a filosofia era frequentemente associada à literatura “proibida” – libertina, imoral, anti-religiosa ou politicamente reprovável –, o que torna clara a relação estreita entre as novas formas de pensar e as novas formas de narrar na Europa setecentista. Era principalmente na França e na Inglaterra que a relação entre filosofia e literatura dava mais frutos. Partindo destes pressupostos, nossa comunicação pretende colocar em discussão alguns aspectos desta relação através da leitura de dois romances de cunho libertino: o francês *Thérèse Philosophe* (1748), de autor anônimo e *Fanny Hill, Memoirs of a Woman of Pleasure* (1748), de autoria do inglês John Cleland.

Palavras-chave: romance filosófico, Inglaterra, França, século XVIII, libertinagem

O escritor inglês John Cleland passara todo o ano de 1748 na Fleet Prison para de lá emergir com um romance que teria uma fulgurante carreira no mercado livreiro europeu. **Fanny Hill, ou Memórias de uma Mulher de Prazer** foi publicado em duas etapas, uma em novembro de 1748, outra logo em fevereiro de 1749. Narradas pela própria Fanny – e endereçadas em forma de carta a uma misteriosa “Senhora” –, as memórias eróticas da jovem interiorana de origem social humilde que chega à capital e vence como prostituta pareciam parodiar o sucesso de **Pamela**, de Samuel Richardson, publicado em 1740.

O romance de Cleland logo obteve sucesso, mas de modo ilícito: mesmo desprovidas de termos vulgares, as descrições explícitas de práticas sexuais em **Fanny Hill** desagradaram às autoridades. Autor e editores foram condenados perante um juiz já no fim de 1749.¹ Do outro lado do canal da Mancha, na capital francesa, aparece, no mesmo ano de 1748, outro pequeno romance que narra, também em primeira pessoa, as memórias sensuais de outra moça. Teresa, filha de um “*bom burguês*” da província com uma “*voluptuosa*” moça do campo, relata sua história de vida a um conde, seu amante. O livro, de provável autoria de Jean-Baptiste de Boyer, o Marquês D’Argens – aristocrata de fé protestante, com interesses filosóficos e reputação de devasso –, tinha como título completo **Thérèse Philosophe ou Mémoires pour servir à l’histoire du père Dirrag et Mademoiselle Éradice** (na tradução brasileira o título é **Teresa Filósofa**).

Assim como **Fanny Hill**, a narrativa de Teresa sofreu as devidas perseguições pela polícia francesa. Mas como lembra Robert Darnton, as apreensões e proibições tiveram pouco efeito sobre a circulação do que se tornou rapidamente um dos maiores *best-sellers* eróticos do século XVIII. A

¹ Sobre John Cleland e a publicação de **Fanny Hill**, ver WAGNER, Peter, “Apresentação”, in: CLELAND, Jonh, **Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer**, São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1997; BRAUDY, Leo, “Fanny Hill and materialism”, in: BRAUDY, Leo, “Fanny Hill and Materialism”, in: **Eighteenth-Century Studies**, Vol. 4, No. 1. (Autumn, 1970), pp. 21-40. Ver também SABOR, Peter, “From Sexual Liberation to Gender Trouble: Reading *Memoirs of a Woman of Pleasure* from the 1960s to the 1990s”, in: **Eighteenth-Century Studies**, vol. 33, no. 4 (2000) pp. 561–578.

dificuldade na identificação do verdadeiro autor do romance dá notícia, no entanto, de que a censura era bem mais severa no lado francês – e a produção de ficção de cunho erótico, mais abundante ali. Ainda que na Inglaterra a idéia de uma aristocracia devassa inspirasse, desde o século XVII, textos de natureza pornográfica² assim como vilões de romances – basta lembrar do fascinante Lovelace, em **Clarissa** –, parece que a libertinagem como comportamento social vinha dos franceses. A libertinagem “de espírito” dos salões, herança do século XVII, unia-se à libertinagem “de costumes” característica da vida galante da corte, abrindo caminho a uma literatura licenciosa e questionadora³ de cujo exercício obviamente não se furtaram os filósofos – as **Jóias Indiscretas**, de Diderot, também foram publicadas no mesmo ano de 1748.

Dois sucessos da literatura libertina, duas narradoras femininas, Inglaterra e França: é grande a tentação – já que o assunto é erotismo – de aproximá-las. Vale lembrar que **Fanny Hill** e **Teresa Filósofa** passaram da situação de imenso sucesso – clandestino, porém irrefutável – para o esquecimento dos arquivos no *Enfer* da Biblioteca Nacional francesa, ou no *Private Case* da British Library durante o século seguinte. Somente ganharam as prateleiras de livrarias na segunda metade do século XX. O interesse que provocou o “reaparecimento” destes romances também trouxe, às discussões críticas na Inglaterra e na França, questões relativas à natureza destas narrativas: pode-se considerar **Teresa Filósofa** um “romance filosófico”? Como **Fanny Hill** contribui para o estabelecimento deste gênero caracteristicamente inglês no século XVIII, o “romance moderno”?

Sem recusar a pertinência destas perguntas, também me parece proveitoso invertê-las, procurando compreender em que medida **Teresa Filósofa** pode ser visto como um “romance moderno”; vale indagar igualmente de que modo os filósofos iluministas (e outros, não tão filósofos) contribuíram para o estabelecimento deste gênero aparentemente tão inglês. Por outro lado, interessa investigar o que há de filosófico em **Fanny Hill** e o papel do iluminismo inglês no desenvolvimento do gênero. O estudo de Teresa à luz de Fanny e vice-versa permitiria, a meu ver, observar alguns dos caminhos tomados pelas idéias iluministas na literatura narrativa dos dois países que estavam no centro da vida econômica e sociocultural da Europa setecentista.

Mas por que entrar neste universo através de dois romances libertinos? Como afirma Lynn Hunt, no século XVIII europeu, a libertinagem estava associada “*ao livre-pensamento e à heresia, à ciência, à filosofia natural e aos ataques à autoridade política absolutista*”.⁴ Ou seja: fazia parte do conjunto de discussões éticas colocadas em pauta pela Ilustração. O que se debatia, de fato, era a relação direta entre a moral individual e a religião revelada. Ao entender que a religião não precisa mais ser o fundamento para seus comportamentos e que uma moral sensualista, empírica, ligada ao prazer, poderia reger suas atitudes, o libertino torna-se um indivíduo essencialmente iluminista.⁵ Parece-me, portanto, essencial afastar-nos da idéia da “*trans-historicidade*” do efeito pornográfico que propõe Jean-Marie Goulemot⁶ e aproximar-nos dos dois romances a fim que estes indiquem o caminho crítico.

Observaremos aqui os parágrafos iniciais dos romances **Teresa Filósofa** e **Fanny Hill**, sem a pretensão de responder aqui às perguntas críticas colocadas anteriormente, e sim com o objetivo de

² WEIL, Rachel, “Às vezes, um Cetro é Apenas um Cetro: Pornografia e Política na Restauração Inglesa”, in: HUNT, Lynn (org.), **A Invenção da Pornografia. Obscenidade e as Origens da Modernidade, 1500-1800**. São Paulo: Hedra, 1999. pp. 131-165.

³ Sobre a libertinagem “de espírito” e a libertinagem “de costumes”, ver MORAES, Eliane Robert. **Lições de Sade. Ensaio sobre a Imaginação Libertina**. São Paulo: Iluminuras, 2006. pp. 77-102.

⁴ HUNT, Lynn, “Obscenidade e as Origens da Modernidade, 1500-1800”, in: *op. cit.* p. 11. Ver também a este respeito o ensaio de ROUANET, Sergio Paulo, “O Desejo Libertino entre o Iluminismo e o Contra-Iluminismo”, in: NOVAES, Adauto (org.), **O Desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. pp. 167-233.

⁵ Ver a este respeito ROUANET, Sergio Paulo, “Dilemas da Moral Iluminista”, in: NOVAES, A. (org.), **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 149-162.

⁶ GOULEMOT, Jean-Marie. **Estes Livros que se lêem com uma só mão. Leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII**. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

apontar elementos que indiquem a relevância de tal estudo comparativo. Como já indicamos, em ambos são protagonistas-narradoras que escrevem suas memórias em forma de carta. Como se sabe, romances epistolares protagonizados por mulheres não eram mais novidade para os leitores europeus. Parece fácil concordar com Darnton quando este afirma, sobre **Teresa Filósofa**, que a carga erótica do romance pode ter sido incrementada pela narração ocorrer pela voz feminina da protagonista – talvez pudéssemos dizer o mesmo sobre **Fanny Hill**... De todo modo, assim como a saga de Pamela se transformaria num modelo do novo tipo de comportamento em relação ao casamento e aos relacionamentos amorosos, as histórias de Teresa e Fanny transformam em assunto a questão da sexualidade feminina e da autonomia da mulher neste âmbito.

No início da carta de Fanny, são “*ordens indispensáveis*” da tal senhora que colocam a narração em marcha. A explicação que antecede o começo das memórias é bastante curta:

(...) recordei aqueles estágios escandalosos de minha vida, dos quais emergi, aos poucos, para o gozo de todas as bênçãos que o amor, a saúde e a fortuna podem proporcionar, enquanto ainda na flor da juventude, e não tarde demais para empregar o lazer, a mim garantido por grande conforto e afluência, no cultivo de um discernimento, naturalmente nada desprezível, e que, mesmo em meio ao torvelinho de prazeres licenciosos em que fui lançada, resultou em uma observação mais profunda dos personagens e costumes do mundo do que é comum naquelas de minha infeliz profissão, as quais, encarando qualquer pensamento como seus inimigos capitais, conservam esse discernimento à distância máxima que podem, ou o destroem sem piedade. Detestando, como detesto mortalmente, todo e qualquer prefácio, longo e desnecessário, vou poupá-la disso, e não farei uso de outras explicações senão a fim de prepará-la para conhecer a parte licenciosa de minha vida, descrita com a mesma liberdade que a levei. Verdade! Verdade nua e crua, é a palavra, e não me darei ao trabalho de cobri-la com um véu de gaze, e sim pintarei as situações tal como elas realmente me surgiram ao natural (...) ⁷ (CLELAND, 1748. p. 43)

Fanny mudou de vida a tempo de aproveitar todas as benesses da fortuna com juventude; e cultivava seu **discernimento** das coisas do mundo – isto porque, ao contrário de suas companheiras prostitutas, não execrava a **reflexão**! E prepara sua leitora para a **verdade**, pois pretende pintá-la exatamente como ocorreu.

Teresa também começa sua carta interpelando o conde que lhe encomendou a tarefa, mas queixando-se desta:

O quê, Senhor! Seriamente, quereis que escreva minha história, quereis que relate cenas místicas da Srta. Eradice com o Reverendíssimo Padre Dirrag, que vos informe sobre as aventuras da Sra. C... com o Abade T...; a uma moça que jamais escreveu pedis detalhes que exigem ordem nos assuntos? Desejais um quadro onde as cenas que vos falei, nas quais fomos atores, nada percam de sua lascívia, que os ra-

⁷ [“I shall recall to view those scandalous stages of my life, out of which I emerged, at length, to the enjoyment of every blessing in the power of love, health, and fortune to bestow, whilst yet in the flower of youth, and not too late to employ the leisure afforded by great ease and affluence, to cultivate an understanding, naturally not a despicable one, and which had, even amidst the whirl of loose pleasures I had been tossed in, exerted more observation on the characters and manners of the world than what is common to those of my unhappy profession, who, looking on all thought or reflection as their capital enemy, keep it at as great a distance as they can, or destroy it without mercy. Hating, as I mortally do, all long unnecessary preface, I shall give you good quarter in this and use no farther apology, than to prepare you for seeing the loose part of my life, wrote with the same liberty that I led it. Truth! stark, naked truth, is the word; and I will not so much as take the pains to bestow the strip of a gauze wrapper on it, but paint situations as they actually rose to me in nature. (...)” p. 15.]

ciocínios metafísicos conservem toda a sua energia? Na verdade, caro Conde, isso parece acima de minhas forças. (Teresa Filósofa. p. 27) ⁸

E continua:

Mas se o exemplo, dizeis, e o raciocínio fizeram a vossa felicidade, por que não tentar contribuir para a dos outros pelas mesmas vias, pelo exemplo e pelo raciocínio? Por que temer escrever verdades úteis ao bem da sociedade? Pois bem, meu caro benfeitor! Não vou mais resistir! Escrevamos! ⁹ (TF. p. 27-28)

Como vimos, Teresa sente-se incapaz de narrar por nunca ter colocado “ordem nos assuntos”. Porém, a possibilidade de levar a **felicidade** a outras pessoas (a quem, se a carta se dirige exclusivamente ao Conde?) através do **exemplo** e do **raciocínio**, a esperança de fazer o bem à sociedade a convencem do interesse em relatar sua história.

Discernimento, reflexão, raciocínio, exemplo, verdade: estamos claramente diante de um jargão caro aos “homens de gênio” da época.¹⁰ A utilização de tais conceitos nos informa do desejo de incorporar a estas narrativas alguns elementos do debate que inflamava os meios intelectualizados da época. Por outro lado, o que parecia diferença se transforma em semelhança: nos dois casos, a narrativa está calcada na experiência, numa experiência individual cuja verdade interessa relatar.

Começemos por Teresa. O que primeiro salta aos olhos é a referência claramente burlesca ao caso Cadière-Girard – notório *fait divers* de sedução da devota pelo confessor -, além da menção às aventuras do abade T... e de sua amante Mme C... O anticlericalismo evidente revela algo dos abalos sofridos pela imagem da Igreja Católica na França setecentista. Ao invés da fé cega, Teresa aponta o raciocínio como um modelo plausível para comportamentos individuais que certamente conduziriam à felicidade. Como afirma Paul Hazard, a nova moral – que já vem do século XVII - é aquela que aconselha a não esperar pelas benesses paradisíacas após a morte e sim procurar, na vida terrena, uma felicidade “toda humana”¹¹. Neste sentido, o relato da iniciação e maturidade sexuais de Teresa funciona como exemplo extremo desta busca. Como afronta à Igreja, a experiência de Teresa adquire, deste modo, caráter exemplar de uma nova moral. Aí reside a verdade que Teresa pretende expor.

Como estas questões se organizam em **Fanny Hill**? No primeiro parágrafo do romance de Cleland não há referência à Igreja. Fanny se diz motivada simplesmente pela curiosidade de sua interlocutora, sem expor abertamente qualquer outro motivo. Sabemos, no entanto que as discussões em torno do romance neste período, tanto na Inglaterra quanto na França, focalizavam na influência moral do gênero, cuja imagem oscilava entre um excelente modelo de conduta e uma cartilha para o pecado... Mas o que vale no romance de Cleland não é tanto dizer o que se vai fazer, e sim fazê-lo: é a lógica da verossimilhança pelo detalhe, efeito que só a reprodução “*natural*” das cenas pode conferir à história. O centro das preocupações da narradora consiste em afastar-se da idéia de que se está diante de artifício, do tal “véu de gaze” que encobriria a realidade.

⁸ [“Quoi, Monsieur, sérieusement, vous voulez que j’écrive mon histoire, vous désirez que je vous rende compte des scènes mystiques de Mademoiselle Éradice avec le très Révérend Père Dirrag; que je vous informe des aventures de Mme C... avec l’abbé T..., vous demandez d’une fille qui n’a jamais écrit des détails qui exigent de l’ordre dans les matières? Vous désirez un tableau où les scènes dont je vous ai entretenu, où celles dont nous avons été acteurs ne perdent rien de leur lascivité; que les raisonnements métaphysiques conservent toute leur énergie? En vérité, mon cher Comte, cela me paraît au-dessus de mes forces.”. p. 75]

⁹ [“Mais si l’exemple, dites-vous, et le raisonnement ont fait votre bonheur, pourquoi ne pas tâcher de contribuer à celui des autres par les mêmes voies, par l’exemple et par le raisonnement? Pourquoi craindre d’écrire des vérités utiles au bien de la société? Eh bien! Mon cher bienfaiteur, je ne résiste plus: écrivons (...)” p. 75]

¹⁰ Ver CHAUI, Marilena. “Prefácio”, in: MATOS, Franklin de. **A Cadeia Secreta. Diderot e o romance filosófico**. São Paulo: Cosac Naify, 2004. pp. 9-12.

¹¹ HAZARD, Paul. **La Crise de la conscience européenne**. Paris : Librairie Arthème Fayard, 1961. Ver especialmente parte III.

A “verdade” da experiência de Fanny então parece aproximar-se do que Ian Watt identificou como o realismo formal presente na obra de Richardson e Fielding, contemporâneos de John Cleland, a saber, uma “*visão circunstancial da vida*”¹² proporcionada, na narrativa, por certos procedimentos formais. Por outro lado, a narradora lança, neste primeiro parágrafo, as bases de uma conduta que merecem atenção: o discernimento e a observação, características pouco comuns às “moças de prazer”, levaram Fanny à fortuna e ao conforto. O *clin d’oeil* para a visada lockeana parece claro – a experiência como fonte de conhecimento do mundo em detrimento das idéias inatas à la Descartes. Parece que, enquanto a filosofia de Teresa extrapola os limites da narrativa, Fanny expõe sua verdade nos limites formais que o gênero lhe permite.

Referências Bibliográficas

- [1] [ANÔNIMO]. **Thérèse Philosophe**. Paris: Flammarion, 2007.
- [2] [ANÔNIMO]. **Teresa Filósofa**. L&PM, 1991.
- [3] BRAUDY, Leo. “Fanny Hill and Materialism”, in: **Eighteenth-Century Studies**, Vol. 4, No. 1. (Autumn, 1970), pp. 21-40.
- [4] CLELAND, John. **Fanny Hill or Memoirs of a Woman of Pleasure**. Penguin Popular Classics, 1994.
- [5] _____. **Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1997.
- [6] DARNTON, Robert. Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- [7] FOXON, David. **Libertine Literature in England. 1660-1745**. New York: University Books, 1965.
- [8] GOULEMOT, Jean-Marie. Estes Livros que se lêem com uma só mão. Leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.
- [9] HAZARD, Paul. La crise de la conscience européenne. 1680-1715. Paris: Fayard, 1961.
- [10] HUNT, Lynn (org.). **A Invenção da Pornografia**. São Paulo: Editora Hedra, 1999.
- [11] LOTTERIE, Florence. “Présentation”, in: **Thérèse Philosophe**. Paris: Flammarion, 2007.
- [12] MATTOS, Franklin de. **A Cadeia Secreta. Diderot e o romance filosófico**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- [13] MORAES, Eliane Robert. **Sade. A Felicidade Libertina**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
_____. **Lições de Sade. Ensaio sobre a imaginação libertina**. São Paulo, Iluminuras, 2006.
- [14] NOVAES, Adauto (org.). **Libertinos Libertários**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- [15] _____. **O Desejo**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- [16] ROUANET, Sergio Paulo, “Dilemas da Moral Iluminista”, in: NOVAES, A. (org), **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 149-162.
- [17] SABOR, Peter, “From Sexual Liberation to Gender Trouble: Reading Memoirs of a Woman of Pleasure from the 1960s to the 1990s”, in: **Eighteenth-Century Studies**. vol. 33, no. 4 (2000) pp. 561–578.

¹² WATT, Ian, *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 31.

[18] WATT, Ian. **A Ascensão do Romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Autora

¹ **Mariana TEIXEIRA MARQUES, Doutoranda**

Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)

Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês

mariteixeira@usp.br